

A SEMANA – 209*

31 de maio de 1896

A fuga dos doidos do Hospício é mais grave do que pode parecer à primeira vista.¹ Não me envergonho de confessar que aprendi algo com ela, assim como que perdi uma das escoras da minha alma. Este resto de frase é obscuro, mas eu não estou agora para emendar frases nem palavras. O que for saindo saiu, e tanto melhor se entrar na cabeça do leitor.

Ou confiança nas leis, ou confiança nos homens, era convicção minha de que se podia viver tranquilo fora do Hospício dos Alienados. No bonde, na sala, na rua, onde quer que se me deparasse pessoa disposta a dizer histórias extravagantes e opiniões extraordinárias, era meu costume ouvi-la quieto. Uma ou outra vez sucedia-me arregalar os olhos, involuntariamente, e o interlocutor, supondo que era admiração, arregalava também os seus, e aumentava o desconcerto do discurso. Nunca me passou pela cabeça que fosse um demente. Todas as histórias são possíveis, todas as opiniões respeitáveis. Quando o interlocutor, para melhor incutir uma ideia ou um fato, me apertava muito o braço ou me puxava com força pela gola, longe de atribuir o gesto a simples loucura transitória, acreditava que era um modo particular de orar ou expor. O mais que fazia, era persuadir-me depressa dos fatos e das opiniões, não só por ter os braços mui sensíveis, como porque não é com dois vinténs que um homem se veste neste tempo.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 152, p. 1, 31 maio 1896), SEMMA (p. 315-320) e SEM1953 (v. 3, p. 187-193). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ A notícia da fuga de homens do Hospício dos Alienados foi publicada em jornais cariocas. No *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 150, p. 1, col. 7, 20 maio 1896), lê-se: “Acerca da notícia que ontem publicamos sobre a fuga dos alienados Jaime Paradedá Júnior e Custódio Alves Serrão [...], temos a acrescentar que realmente o primeiro seguiu para a Alemanha, a bordo do paquete alemão *Tijuca* [...], com passagem paga por sua mãe, d. Antonieta Paradedá. [...] / O agente da companhia não soube que dava passagem a um louco, fato que pode dar causa a que se dê algum grave acontecimento no mar, a bordo do paquete.” A *Gazeta de Notícias* (ano XXI, n. 149, p. 1-2, 28 maio 1896) informa que Custódio Serrão estava preso sob acusação de ter cometido assassinato. Ao ser recapturado e conduzido à delegacia, Custódio alegou não ser “louco” e solicitou ser transferido do hospício, em que estaria sofrendo “suplícios”, para a casa de detenção, onde aguardaria julgamento pelo crime atribuído a ele.

Assim vivia, e não vivia mal.² A prova de que andava certo, é que não me sucedia o menor desastre, salvo a perda da paciência; mas a paciência elabora-se com facilidade; – perde-se de manhã, já de noite se pode sair com dose nova. O mais corria naturalmente. Agora, porém, que fugiram doidos do hospício e que outros tentaram fazê-lo (e sabe Deus se a esta hora já o terão conseguido), perdi aquela antiga confiança que me fazia ouvir tranquilamente discursos e notícias. É o que acima chamei uma das escoras da minha alma. Caiu por terra o forte apoio. Uma vez que se foge do hospício dos alienados (e não acuso por isso a administração) onde acharei método para distinguir um louco de um homem de juízo? De ora avante, quando alguém vier dizer-me as coisas mais simples do mundo, ainda que me não arranque os botões, fico incerto se é pessoa que se governa, ou se apenas está num daqueles intervalos lúcidos, que permitem ligar as pontas da demência às da razão. Não posso deixar de desconfiar de todos.

A própria pessoa, – ou para dar mais claro exemplo, – o próprio leitor deve desconfiar de si. Certo que o tenho em boa conta, sei que é ilustrado, benévolo e paciente, mas depois dos sucessos desta semana, quem lhe afirma que não saiu ontem do Hospício? A consciência de lá não haver entrado não prova nada; menos ainda a de ter vivido desde muitos anos, com sua mulher e seus filhos, como diz Lulu Sênior.³ É sabido que a demência dá ao enfermo a visão de um estado estranho e contrário à realidade. Que saiu esta madrugada de um baile? Mas os outros convidados, os próprios noivos que saberão de si? Podem ser seus companheiros da Praia Vermelha.⁴ Este é o meu terror. O juízo passou a ser uma probabilidade, uma eventualidade, uma hipótese.

Isto⁵ quanto à segunda parte da minha confissão. Quanto à primeira, o que aprendi com a fuga dos infelizes do hospício,⁶ é ainda mais grave que a outra. O cálculo, o raciocínio, a arte com que procederam os conspiradores da fuga, foram de tal ordem, que diminuí em grande parte a vantagem de ter juízo. O ajuste foi perfeito. A manha de dar pontapés nas portas para abafar o rumor que fazia Serrão arrombando a janela do seu cubículo, é uma obra-prima; não apresenta só a combinação de ações para o fim comum, revela a consciência de que, estando ali⁷ por doidos, os guardas os deixariam

² mal.] mal, – em GN.

³ A expressão de Lulu Sênior (*Gazeta de Notícias*, ano XXI, n. 59, p.1, col. 3, 28 fev. 1895) aparece num de seus folhetins – “Às quintas” –, em que comenta as numerosas revoluções (pacíficas e nem tão pacíficas assim; vitoriosas e fracassadas) ocorridas ao longo da história do Brasil. Na crônica, a ênfase recaiu sobre a incerteza do destino das pessoas nesses acontecimentos.

⁴ O atual Palácio Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no *campus* da Praia Vermelha, foi construído em 1852 para abrigar um hospício – o Hospício Pedro II.

⁵ Isto] Isto, – em SEM1953.

⁶ hospício.] Hospício, – em SEM1953.

⁷ O trecho “revela a consciência de que, estando ali” (que vem na última linha da coluna do jornal) não aparece na *Gazeta* digitalizada da Hemeroteca Digital Brasileira – adotamos a lição de Aurélio Buarque de Holanda.

bater à vontade, e a obra da fuga iria ao cabo, sem a menor suspeita. Francamente, tenho lido, ouvido e suportado coisas muito menos lúcidas.

Outro episódio interessante foi a insistência de Serrão em ser submetido ao tribunal do júri, provando assim tal amor da absolvição e conseqüente liberdade, que faz entrar em dúvida se se trata de um doido ou de um simples réu. Não repito o mais, que está no domínio público e terá produzido sensações iguais às minhas. Deixo vacilante a alma do leitor. Homens tais não parecem artífices de primeira qualidade, espíritos capazes de levar a cabo as questões mais complicadas deste mundo?

Não quero tocar no caso de Paradedá Júnior, que lá vai mar em fora, por achá-lo tardio. Meio século antes, era um bom assunto de poema romântico. Quando, alto-mar, o infeliz revelasse, por impulsão repentina, o seu verdadeiro estado mental, a cena seria terrível, e a inspiração germânica, mais que qualquer outra, acharia aí uma bela página. O poema devia chamar-se *Das närrische Schiff*.⁸ Descrição do mar, do navio e do céu; a bordo, alegria e confiança. Uma noite, estando a lua em todo o esplendor, um dos passageiros contava a batalha de Leipzig ou recitava uns versos de Uhland.⁹ De repente, um salto, um grito, tumulto, sangue: o resto seria o que Deus inspirasse ao poeta. Mas, repito, o assunto é tardio.

De resto, toda esta semana foi de sangue, – ou por política, ou por desastre, ou por desforço pessoal. O acaso luta com o homem para fazer sangrar a gente pacata e temente a Deus. No caso de Santa Teresa, o cocheiro evadiu-se e começou o inquérito.¹⁰ Como os feridos não pedem indenização à companhia, tudo irá pelo melhor no melhor dos mundos possíveis.¹¹ No caso da Copacabana, deu-se a mesma fuga, com a diferença que o autor do crime não é cocheiro; mas a fuga não é privilégio de ofício, e, demais, o criminoso já está preso.¹² Em Manhauçu continua a chover sangue, tanto que marchou

⁸ *Das närrische Schiff.*] *Der närrisch Schiff.* – em GN; *Der nárrichs Schiff.* – em SEMMA; *Der närrische Schiff.* – em SEM1953. Possível paródia do título *Das Sklavenschiff* (O navio negreiro), de Heinrich Heine (1797-1856). O poema é imaginado pelo cronista; não podemos ter certeza do título que lhe pretendia dar.

⁹ Johann Ludwig Uhland (1787-1862), poeta romântico alemão.

¹⁰ O acidente de Santa Teresa foi o descarrilamento do bonde, que tombou na rua, ferindo dois passageiros e o condutor. Pode ser que Machado se tenha confundido. As notícias eram um pouco contraditórias: segundo o *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 150, p. 1, col. 7, 29 maio 1896), o cocheiro “evadiu-se, para evitar o ser preso”; segundo a *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 150, p. 1, col. 4, 29 maio 1896), porém, o cocheiro (Honório Moreira Rodrigues) “foi preso pouco depois na ladeira Monte Alegre”.

¹¹ Expressão do dr. Pangloss, no *Cândido* (cap. 30), de Voltaire, já usada por Machado de Assis em “A Semana – 158”, crônica de 9 de junho de 1895. (*Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 136-141, jul.-dez. 2021)

¹² Em Copacabana, um indivíduo chamado Badeão (Gudião, segundo o *Jornal do Commercio*) foi morto a facadas na praia do Leme por um outro chamado *Cabo Verde* – este um conhecido facínora. Ambos eram carpinteiros. Segundo a *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 151, p. 1, col. 6, 30 maio 1896), até a hora em que a notícia foi redigida, *Cabo Verde* não havia sido encontrado; o *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 151, p. 2, cols. 6-7, 30 maio 1896), que dá a notícia com muito mais detalhes (a arma teria sido uma baioneta), também o deu por foragido.

para lá um batalhão daqui.¹³ O comendador Ferreira Barbosa, (a esta hora assassinado)¹⁴ em carta que escreveu ao diretor da *Gazeta* e foi ontem publicada, conta minuciosamente o estado daquelas paragens. Os combates têm sido medonhos. Chegou a haver barricadas. Um anônimo declarou pelo *Jornal do Commercio* que, se a comarca de S. Francisco tornar à antiga província de Pernambuco, segundo propôs o Sr. senador João Barbalho, não irá sem sangue. Sangue não tarda a escorrer do jovem Estado (peruano) do Loreto...¹⁵

Enxuguemos a alma. Ouçamos, em vez de gemidos, notas de música. Um grupo de homens de boa vontade vai dar-nos música velha e nova, em concertos populares, a preço cômodo. Venham eles, venham continuar a obra do Clube Beethoven,¹⁶ que foi por tanto tempo o centro das harmonias¹⁷ clássicas e modernas. Tinha de acabar, acabou. Os *Concertos populares* também acabarão um dia, mas será tarde, muito tarde, se considerarmos a resolução dos fundadores, e mais a necessidade que há de arrancar a

¹³ Eis como a notícia apareceu na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 150, p. 1, col. 4, 29 maio 1896), sob o título “Conflitos em Manhuaçu”: “As perturbações da ordem que se têm dado ultimamente em Manhuaçu, no Estado de Minas, chegaram à situação de um conflito sério, que reclamou providência excepcional. / Anteontem o Sr. presidente da República recebeu comunicação neste sentido, do presidente de Minas, o qual lhe pedia auxílio da força federal para reprimir a desordem, visto não ter nas proximidades de Manhuaçu força estadual disponível. / Transmitida a requisição anteontem à noite ao Sr. marechal Vasques, foram logo dadas as ordens precisas, e ontem às 6 ½ horas da manhã partiu, pela estrada de ferro Central a ala esquerda do 10º batalhão de infantaria, composta de umas 150 praças municiaadas, as quais seguiram com destino a Porto Novo do Cunha, sob o comando do major Néelson do Nascimento, levando de sobressalente metralhadoras.”

¹⁴ A carta publicada no dia 30 de maio na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 151, p. 2, col. 1-2), com o relato do que acontecia em Manhuaçu, foi refutada por outra carta, assinada pelo secretário do interior do governo de Minas, dr. Henrique Diniz, publicada no dia 3 de junho de 1896 (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 154, p. 2, col. 1-3). Não conseguimos esclarecer o porquê da afirmação de Machado, entre parênteses, de que Ferreira Barbosa já estaria morto no domingo em que esta crônica foi publicada.

¹⁵ No *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 149, p. 7, col. 7, 28 maio 1896), lê-se a seguinte notícia sobre a Comarca de S. Francisco (Bahia), assinada simplesmente por um “Barra”: “Ontem apresentou-se no Senado um projeto para reverter a Pernambuco a comarca de São Francisco, anexada à Bahia por decreto de 1827. / Pela data do decreto vê-se que Pernambuco desprezou-a em estado completamente selvagem, e agora, depois de ter a Bahia desenvolvido e feito prosperar à sua própria custa toda essa zona, quer Pernambuco rea[vê-la] [...]. / Não estamos acostumados a trazer a faca de ponta aguda debaixo da cava do paletó e nem sabemos jogar o pau. / [...] vou para casa limpar e olear o clavinote, e até o dia da conversão do projeto em lei.” Em outro número do *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 148, p. 1, col. 9, 27 maio 1896) lê-se que duas províncias peruanas cisandinas se rebelaram e declararam independência sob o nome de *República de Loreto*, que faz fronteira com o Brasil.

¹⁶ O Clube Beethoven, fundado em 4 de janeiro de 1882 por homens de negócios, sob a direção de Robert Job Kinsman Benjamim, funcionava na rua do Catete. Organizado segundo o modelo de clubes ingleses, não permitia o ingresso de mulheres. Além de concertos musicais, realizavam-se lá jogos de cartas, partidas e torneios de xadrez. Em 1887, o clube mudou-se para a rua da Glória. Ali foi construído um pavilhão em que os concertos poderiam ser assistidos por senhoras. Machado de Assis, que se associou ao clube no ano de sua fundação, foi seu bibliotecário, e raramente faltava aos concertos mensais. Em 1889, o clube transferiu-se para a rua dos Arcos, encerrando suas atividades nesse mesmo ano. (MACHADO, 2021, p. 137-138)

¹⁷ harmonias] harmônicas – em GN. Acatamos a correção de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

alma ao tumulto vulgar para a região serena e divina... Um abraço ao Dr. Luís de Castro.¹⁸

Pela minha parte, proponho que, nos dias de concerto, a Companhia do Jardim Botânico, excepcionalmente, meta dez pessoas por banco nos bondes elétricos, em vez das cinco atuais. Creio que não haverá representação à prefeitura, pois todos nós amamos a música; mas dado que haja, o mais que pode suceder, é que a prefeitura mande reduzir a lotação às quatro pessoas do contrato; em tal hipótese, a companhia pedirá, como agora, segundo acabo de ler, que a prefeitura reconsidere o despacho, – e as dez pessoas continuarão, como estão continuando as cinco. Há sempre erro em cumprir e requerer depois; o mais seguro é não cumprir e requerer. Quanto ao método, é muito melhor que tudo se passe assim, no silêncio do gabinete, que tumultuosamente na rua: *Não pode! não pode!*



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 152, p. 1, 31 maio 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14267>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

¹⁸ Os jornais publicaram notícias informando a respeito dos *concertos populares* – uma associação cuja finalidade era popularizar a “boa música sinfônica”. Na *Gazeta de Notícias* do dia 27 de maio (ano XXII, n. 148, p. 1), lê-se: “No escritório desta folha reuniram-se ontem os promotores dos concertos populares com o fim de assentarem as bases desta nova associação, que vai prestar bons serviços à arte no nosso meio. / A diretoria ficou composta do seguinte modo: / Presidente: Ferreira de Araújo. / Vice-presidente: Artur Napoleão. / Secretário: Luís de Castro. / Tesoureiro: Delgado de Carvalho. / Diretor artístico: Alberto Nepomuceno.”

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2021.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.